

O estatuto do sujeito na psicanálise como sujeito dividido entre saber e verdade.

The status of the subject in psychoanalysis as a subject divided between knowledge and truth.

ROSANA VELLOSO

RESUMO:

Este trabalho tem como ponto de partida a investigação que venho realizando desde 2018 em torno ao tema do Estatuto do Sujeito na Psicanálise por considerar ser este um tema central no ensino de Lacan e na prática psicanalítica. No percurso que realizo de modo sucinto neste escrito, destaco a perspectiva de Lacan que toma o funcionamento do Sujeito como determinado pelo inconsciente estruturado como uma linguagem, linguagem essa constituída por lalangue (lalíngua ou alíngua), ou seja, um saber articulado como uma combinatória de letras, que implica uma escritura lógica e revela a estrutura de um Real como um impossível.

PALAVRAS CHAVE: sujeito – saber – verdade – inconsciente – linguagem – lalíngua – letra - real.

ABSTRACT:

This work has as its starting point the investigation I have been carrying out since 2018 on the theme of the Statute of the Subject in Psychoanalysis, considering that this is a central theme in Lacan's teaching and in psychoanalytic practice. In the course I briefly take in this writing, I highlight Lacan's perspective that takes the functioning of the Subject as determined by the unconscious structured as a language, a language constituted by lalangue (language), that is, an articulated knowledge as a combination of letters, which implies a logical writing and reveals the structure of a Real as an impossible.

KEYWORDS: subject - to know - truth - unconscious - language - lalengua - letter - real.

Para introduzir as ideias que quero trazer aqui, vou partir da afirmação de Lacan, feita em diversos momentos do seu ensino, a de que o Sujeito é determinado pela linguagem e pelo registro significativo no contexto do discurso. No texto “Posição do Inconsciente”¹ - intervenção que fez Lacan em 1960, retomada em 1964-, por exemplo, há várias citações onde ele afirma que a linguagem é causa do sujeito. Mas a novidade proposta por Lacan na

1 Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

década de 60 é a demarcação de que o Sujeito sobre o qual operamos na psicanálise só pode ser o Sujeito da Ciência Moderna dividido entre Saber e Verdade.

Na primeira classe do Seminário *O Objeto da Psicanálise*,² que tem como título “A Ciência e a Verdade” (1965-66), classe esta publicada também nos *Escritos*³ em 1966, Lacan é preciso:

... um único sujeito é aceito nela (na psicanálise) como tal, aquele que pode constituí-la científica.⁴

E deixa muito claro que:

por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.⁵

Ou seja, a nossa prática dependerá de como manejamos a concepção de Sujeito. Importante esclarecer que a noção de ciência que Lacan trabalha tem a ver com o campo das **Ciências Conjecturais**, constituído por aquelas disciplinas que operam com o saber mediante a formalização através da ferramenta do matema, ou seja, da letra, com entes puramente abstratos, na contraposição das Ciências Experimentais, além de distinguir claramente a psicanálise das ciências ditas humanas com seus ideais de normalidade e suas generalidades estatísticas que universalizam.

É interessante seguir a elaboração que faz Lacan para introduzir a hipótese do Sujeito da Ciência,⁶ tomando como seu guia, Alexandre Koyré, um dos mais influentes historiadores da ciência do século XX, entre outros pensadores de diversos campos do saber. Nessa interlocução, Lacan recolhe as pistas que permitirão a ele situar que a psicanálise tem relação com mudanças relevantes que aconteceram no Ocidente a respeito do Saber e da Verdade. Vejamos brevemente: No saber mítico, há o saber verdadeiro que se sabe e se atualiza nos ritos, e sua transmissão guarda algo de indizível, inefável, misterioso. Nesse contexto discursivo, a relação do saber à verdade é absolutamente garantida, não está posta em dúvida. Há uma Verdade transcendente. Já o Saber Religioso, é aquele enviado do céu, de Deus, e revelado nos sonhos e visões. Aí está a crença em mensageiros divinos e a

2 Lacan, J. (1965-1966). *Seminário, livro 13: l'objet de la psychanalyse*. Inédito. Recuperado de www.staferla.free.fr.

3 Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

4 Lacan, J. (1966). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p.873.

5 *Ibidem*.

6 *Ibidem*.

verdade será interpretada. Existe a Verdade, um saber verdadeiro (saber-verdade), e é verdadeiro porque está no céu, no cosmos, é de Deus. Podemos escrever com o matema A maiúsculo que nos permite pensar o lugar da verdade, um A sem barra. Um saber já sabido, prévio, unido à verdade religiosa, ao pecado original, à fé nos dogmas. Lacan (1966)⁷ diz que na verdade cristã está a “formulação de um Deus Trinitário e Uno”. Pai, filho e espírito santo. E que o poder eclesiástico desencoraja aí o pensamento, pois, pensar sobre o dogma é se deparar com impasses, é tropeçar em heresias, e aí Lacan faz uma articulação entre a palavra ‘heresia’ e ‘RSI’, considerando que é nessa estrutura topológica de três dimensões que essa imagem da Trindade – a questão do Filioque - deve ser apreendida.

O Saber a partir da Ciência

Com o início da investigação científica, numa proposta de desassociar as influências teológicas e escolásticas da investigação da realidade, as certezas compartilhadas pelos homens são postas em dúvida, e pode-se aceder a um saber exclusivamente pela racionalidade, pela razão. Há um rechaço ao saber previamente estabelecido, destituindo o cosmos, as coisas já não são em si mesmas e algo se racha, se rompe. É quando começam a despontar as ideias geniais de um Galileu e um Descartes que aplicam ao céu o algoritmo e começam a propor teorias e perguntas ao mundo, formuladas em termos matemáticos, e deduzidas de uma combinatória de letras, mais além dos dados sensoriais, e em oposição a um mundo aristotélico, onde a coisa se manifestava em seu ser e em si mesma. Uma nova visão do mundo aponta para uma estrutura que já não está plena, pois, o aparato formal inventado revelou a estrutura de um Real, de um impossível lógico, um Real impossível de dizer e escrever.

Algo que já estava no estado da língua, em desenvolvimento, é produzido. Passamos de um mundo fechado, ordenado, hierárquico a respeito de uma ordem superior, à criação de um universo infinito. Há mundos. E essa ruptura faz calar a Deus e é aí onde a Verdade cai sob a barra, o matema ‘A’ como lugar da Verdade fica barrado e será como o limite ao infinito do saber que poderá ser apresentado em diversas versões, hipóteses, sempre provisórias. Podemos nos aproximar, mas, nunca chegar à Verdade.

⁷ Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op.Cit. p.887.

Lacan⁸ diz que a ciência forclui a verdade, e não o Sujeito como comumente pensamos. Dizer que a verdade é forcluída é dizer que é suprimida de um modo tal que não pode retornar no mesmo campo do qual foi excluída, campo do saber. O saber e a verdade estão agora em exclusão mútua, houve uma disjunção. Essa é a *Spaltung* da que se trata, o saber está amputado, e traz como consequência a pergunta pela verdade. E é aí que está para Lacan o eixo fundante da possibilidade da psicanálise, pois, o que falta no que se sabe é o que causará o movimento em direção ao saber. A chave, então, será definir a relação do sujeito com esta verdade que opera como causa.

Além disso, dada a uma manobra sobre o saber feita pela ciência, produz-se um efeito sujeito, sujeito da ciência, que lhe é antinômico, contrário à sua tendência em propor um sujeito unificado, suturado. O sujeito da ciência é barrado, dividido, pois, a função da verdade, verdade particular, é eliminada. E é aí que a psicanálise fará sua entrada. É com esse sujeito, efeito do discurso da ciência, que ela vai operar, ofertando-se para a recuperação da condição particular de cada sujeito, ou seja, sua verdade no campo do saber e seu desejo.

E o que é que está no núcleo desse problema para nós psicanalistas? O núcleo da estrutura do inconsciente que é a hiância causal. Nas palavras de Lacan:

... o efeito Sujeito funcionando como um corte, e por esse efeito, ele não é causa dele mesmo...”⁹

Ou seja, a relação ao simbólico permite a existência na linguagem, na ordem significante, que já está operando desde sempre, mas o valor significante que vem do campo do Outro não orienta e está dado por algo que falta. A falta de um referente real, e a impossibilidade para o *parlêtre* (falasser)¹⁰ de uma relação direta com uma ordem natural, implica a falta do ser dado do sujeito, pois não há nenhuma realidade pré-discursiva. Se trata então da articulação da ‘falta’ em ser do Sujeito (S) com algo da falta no Outro (Outro barrado), e assim Lacan vai juntar uma dimensão a esse lugar do A barrado, mostrando que ali há uma falha, um furo, um buraco, e é o ‘objeto a’ que vem funcionar em relação a essa falha

8 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op. Cit. p.889.

9 Ibidem. p. 849.

10 “Parlêtre”, neologismo utilizado por Lacan em diversas ocasiões na década de 70 para assinalar a prioridade da fala sobre o ser, e mais ainda, a dependência deste último com respeito à primeira.

estrutural. É essa articulação que interessa a Lacan, onde o que é essencial é o buraco, que, por sua vez, tem uma função essencial no funcionamento da ordem simbólica.

Na causação do sujeito da psicanálise, essa relação com a falta no Outro, essa relação de desejo, poderia ser para a psicanálise o lugar onde, de alguma maneira, aparece uma versão possível da verdade. E a Psicanálise vem oferecer o lugar para alojar algo disso que acontece com o saber e a verdade em nossa cultura, um modo de padecer no Ocidente moderno, e que, no contexto discursivo da análise, terá que ser considerado em sua forma particular em cada caso, sem generalizações.

Ainda sobre a causação do sujeito, é importante mencionar que ‘causa’ para Lacan não se refere àquilo que esteve antes, ou à relação entre fatos. Advertido do sentido habitual do termo ‘causa’, ele rechaça a possibilidade de que exista primeiro um significante ao qual se lhe agrega um segundo e posteriormente os outros e sustenta a preexistência da sociedade de significantes, uma estrutura que já está desde o começo, um começo sincrônico, e que nenhum significante se adequa a ser em si mesmo nem passado nem futuro do outro, o que implica um tempo circular.

É sempre bom lembrar também que, quando falamos de Sujeito na perspectiva do modelo teórico de Lacan, estamos falando de uma noção que recebe uma acepção específica, valores novos. E é certo que a nossa prática dependerá de como manejamos a concepção de Sujeito. Portanto, o conceito de Sujeito aqui não se confunde nem com o indivíduo biológico ou um organismo individual que se adapta, nem com a pessoa, nem com o analisante, nem com o cidadão, nem com o orador. O Sujeito não é a sua inteligência, sua excelência e perfeição, não se situa no mesmo eixo do Eu consciente (*moi*), nem é algo de unívoco. Importante chamar a atenção para esse aspecto para estarmos advertidos e não sermos levados por atitudes ingênuas ou pelos desvios teóricos-técnicos, como aqueles realizados pelos pós-freudianos com sua psicologia centrada na ilusão de um Eu autônomo, concebido com um valor supremo.

Mas então quem é o ou o que é um Sujeito? Sujeito é o que um significante representa ante outro significante, é, portanto, um Sujeito dividido. Aqui se trata de situar o Sujeito da relação analítica em uma existência excêntrica, que não ocupa espaço, não se pode ver, é pontual e evanescente. Se quisermos falar de uma localização para o Sujeito, esta será a descontinuidade na qual algo se manifesta como vacilação na análise, como um lapso, um equívoco, um chiste.

E se o Sujeito aparece, não se trata de uma verdade oculta que foi rechaçada pelo eu, reprimida e que tem que ser recuperada e assumida. Não se trata de tomá-la como uma verdade própria, individual, um desejo individual, pois cairíamos na responsabilidade subjetiva. Há determinadas coisas das quais se padece, se está implicado, mas, não se é responsável. Algo funciona mais além de si próprio e de maneira lógica. É precisamente neste mundo simbólico que o sujeito surge como operante, e esse momento não é de forma alguma dedutível de qualquer modelo que seja da ordem de uma estruturação individual.

Passamos da categoria de indivíduo como pessoa para a condição estrutural do Sujeito em imiçção com o campo do Outro, noção que Lacan propõe em Baltimore no ano de 1966.¹¹ Essa imiçção é condição necessária do Sujeito, seria como uma mescla, o Outro já funcionando no que Lacan chama Sujeito, e não existe Sujeito sem o campo do Outro. Isso Fala, Isso Pensa, Isso Goza, e sustenta um texto que se encarna, já que habitamos a linguagem, e, portanto, sempre dizemos mais do que queremos dizer.

Então, parece importante sublinhar que, ao contrário do que muito se escuta nos meios psicanalíticos, Lacan diz no *Seminário 17*:

... há um saber perfeitamente articulado, pelo qual, falando propriamente, nenhum sujeito é responsável¹²

Mas essa combinatória pode chegar a produzir um efeito sujeito. E esse sujeito que fala mais além, Lacan vai abordar de forma matematizada, lógica. Avancemos um pouco mais com Lacan.

Na última classe do ‘*Encore*’, *Seminário XX*, intitulada “O rato no labirinto”,¹³ Lacan coloca sua teoria do saber inconsciente, definindo-o como um enigma a decifrar ou interpretar. O saber para o *parlêtre* é o saber que não é de nenhum sujeito, é sem sujeito, o saber é o que se articula, que é estruturado como uma linguagem. Esse é o saber não-sabido de que se trata na psicanálise. Ao fazer essa formulação, Lacan enfatiza que não está se referindo à linguagem comum, àquela como todo mundo usa, com fins comunicacionais, ou a do dicionário. E afirma que a experiência do inconsciente tem

11 “O discurso em Baltimore” como conhecido, trata de uma comunicação feita por Lacan no Simpósio Internacional do Centro de Humanidades John Hopkins em Baltimore (USA) no ano de 1966. Disponível em espanhol em <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>.

12 Lacan, J. (1992). *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. p.81.

13 Lacan, J. (1985). *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.

mostrado que está feito de *lalangue*¹⁴ -noção traduzida ao português por lalíngua ou alíngua-. Encontramos aí uma das noções que nos interessa nessa investigação. Quando Lacan faz essa afirmação está dizendo que o inconsciente não tem finalidade de comunicação, pois, lalíngua não é ferramenta de comunicação. Lalíngua designa o que é o assunto de cada um com respeito à língua materna e como cada um vai servir-se dela. Ou seja, o que existe é lalíngua de cada um, a relação problemática que cada um tem com a ‘língua materna’ - que se chama ‘lalíngua’ – e que exige uma operação aí, caso por caso, pois, não há referente que dê um sentido prévio.

Então, temos o saber inconsciente como ‘Isso Fala’, ‘Isso Pensa’, ‘Isso Goza’, e aqui nesse *Seminário XX*, Lacan vai dizer que lalíngua articula. Essa é a ideia de Lacan que representa um salto. Lalíngua sabe mais que o ser falante que padece de seus efeitos sintomáticos. Estes lhe escapam e há que ter um dispositivo especial para captar isso, o testemunho daquele que sofre os efeitos de lalíngua, os efeitos de gozo, isso que lhe resulta enigmático.

Isto significa que só há verdade matematizada: isto é, escrita. E naquilo que não possui nenhum sentido a priori, é mesmo difícil dar um sentido, pois, as letras do matema não são ideias já elaboradas. Entretanto, pode-se fazer algo com isso. Trata-se agora de rigor formal com base dedutiva. O inconsciente dito por Lacan como estruturado como uma linguagem é agora o inconsciente estruturado como os conjuntos como sendo letras. O suporte será a leitura de letras por ausência da parte do real que não pode vir a se formar em ser. Dito de outro modo, a escrita de letras matemáticas é o que suporta o Real – Real como um impossível lógico - e é no jogo mesmo dessa escrita que temos que encontrar, mesmo sem certezas e garantias, o ponto de orientação para o qual nos dirigir, bordeando o Real. Será uma aposta, pois a racionalidade do inconsciente está para ser construída.

Portanto, na análise, trata-se de uma elucubração de saber sobre lalíngua, fazendo operações de leitura e de escritura. E nada é senão na medida em que se diz que é, pois, a fala define o lugar da verdade, que tem estrutura de ficção, e, nesse sentido, aproxima-se da verdade mítica. Citando Lacan (1966):

Eu, a verdade, falo ... Isso é tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe metalinguagem ... nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro

14 O termo “lalangue” surge pela primeira vez em o Saber do Psicanalista, 1971, p.15.

sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo.¹⁵

Então, o verdadeiro sobre o verdadeiro tem falsa aparência. E o que vai nos interessar, portanto, mais do que a verdade, é a constituição das vias de acesso a ela. Além disso, a verdade só pode ser semi-dita e não se pode esgotá-la, embora esse meio-dizer se apresente como um todo. Como diz Lacan:

... é aqui que reside a dificuldade: é que é necessário fazer sentir a aquele que está em análise que esta verdade não é toda, que ela não é verdadeira para todo o mundo, que ela não é - esta é uma velha ideia - que ela não é geral, que ela não vale para todos.¹⁶

Então, parece importante ressaltar que hipotética é a elucubração de saber na análise, não Lalangue, pois, o inconsciente é um saber que está articulado como uma combinatória de letras, mas que implica que há uma parte significativa que não se sabe. Na dimensão da escrita, o significado não tem nada a ver com o que se escuta, mas somente com a leitura, pois, há uma escritura lógica em jogo. E no registro do discurso analítico, com a intervenção do analista, a letra, que não significa nada em si mesma, poderá ser lida por aquele que, por ser falante, está em posição de proceder à operação de decifração, imaginando compreender o Real do Simbólico, fazendo novas leituras, até atingir um sentido, pois, como diz Lacan, “é preciso parar!”.¹⁷ Essa escrita, ponto-chave do trabalho analítico, carrega em si seu próprio limite de interpretação, que tem a ver com a estrutura do desejo indestrutível e invariante. O analisante convocará, assim, um saber que lhe escapa para tentar dar conta dos efeitos enigmáticos de gozo que são produzidos. Há algo que goza, não alguém que goza, e há que armar um saber-fazer com lalangue.

Um analisante queixa-se: “Meu problema maior é que estou sempre pos-ter-gan-do”. É possível perceber que nessa fala há uma referência a algo que se repete na vida dessa pessoa - “sempre pos-ter-gan-do” - e se expressa a despeito de si através de sua conduta.

15 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Op. Cit. p.882.

16 Lacan, J. (1975). “O sintoma”. Conferência na Universidade de Columbia. Auditório da Escola de Assuntos Internacionais. Lacan in North Armórica. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p.69. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

17 Lacan, J. (2016). *Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam*. Bahia: Publicação não comercial – Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius Salvador. p.13.

Mas há que atentar também para a jaculação do dito na sessão, o modo de dizer que também é significativo. E dizer que é significativo é dizer que se presta a equívocos e tem sempre diversas significações possíveis. No caso aqui, essa separação de sílabas feita pelo analisante em seu dito não pode passar despercebida. Dizer “pos-ter-gan-do” no contexto de uma análise não é o mesmo que dizer “postergando”. Há que propor ao analisante que faça sua ou suas leituras sobre esse dizer, levando em conta os elementos que estruturam essa escrita, tomada como uma composição formal. É buscar decifrar a escritura que se oferece dentro de um contexto discursivo, desenvolvendo a estrutura lógica que lhe corresponde, e buscando reconhecer a problemática de seu destino, integrando-a a um texto histórico, fazendo laços, o que significa que se trata de algo que está entre ele e outros.

Nos seus últimos seminários, Lacan tomará a cadeia borromeana como ponto de partida para dar conta do Sujeito na psicanálise. E será o buraco topologicamente estabelecido o que, com mais precisão que o intervalo significativo, criará e alojará o nada da criação ex-nihilo na cadeia borromeana. O buraco cumprirá tanto a função do lugar onde existem S barrado, A barrado e o objeto a, como também onde se dissolve a função material das substâncias tridimensionais para o parlêtre. Isso retomarei em outra oportunidade.

Para concluir por agora, parece importante enfatizar que é a posição teórica do analista que constrói um dispositivo de leitura que permite estabelecer e localizar a hipótese de um Sujeito. Se se trabalha com a ideia do inconsciente na clínica, o inconsciente como o não-sabido de um saber, que ex-siste ao analisante, ainda que lhe diga respeito, este vai aparecer. Caso contrário, não há inconsciente. Do mesmo modo, depende do psicanalista se a clínica será referida a um corpo de carne e osso com seus gozos biológicos singulares à que depois o significativo tentará apreender em suas redes, logrando sempre êxitos parciais, ou a um trabalho na dimensão da verdade em estado nascente, um dizer que está primeiro, na origem e que funciona como fato. Estamos convocados a assumir uma posição a respeito.

Além disso, quero sublinhar que a entrada em análise requer que se considere que há um saber não sabido, o que é bem diferente de ter que assumir a responsabilidade subjetiva pelo que diz. Assim, os que nos procuram para atendimento, serão levados a se perguntar, entre tantas outras interrogações, e sempre no registro de sua autobiografia, de sua história textual: “Por que digo o que digo?”, “Por que penso isso?”. É a função da pergunta, as boas perguntas que serão formuladas, e é o que fará com que o saber possa ir se constituindo no

dispositivo analítico, sob transferência. Não tem nada a ver com um saber que terá que ser recordado para ser conhecido ou um saber reprimido. Aquele que sabe que sabe, é o ‘eu’ (*moi*), imaginário, e a novidade revelada pela psicanálise de Lacan é a produção de um saber não sabido por ele mesmo, saber não nascido, sem Sujeito, um Sujeito suposto, a ser produzido no manejo da linguagem que se desenvolve na situação analítica, e que não pode ser pensado por fora dela e sem a presença de um analista ocupando o lugar de causa, semblant de ‘a’. Esta é uma concepção que “dessubstancializa” a noção de inconsciente e de sujeito. É um sujeito a cada vez, efeito de significação, sempre pontual e evanescente, e não O sujeito.

BIBLIOGRAFIA

1. Cuasnicú, R. (2018). Clase 14 del primer curso de enseñanza de Apertura. Tema: El analista como posición ética de no saber (crítica a la experiencia). Clínica: Posición del analista. <https://www.youtube.com/watch?v=HqHXQRijcc0&feature=youtu.be>.
2. Eidelsztein, A. (2016). Las estructuras clínicas a partir de Lacan. [Volumen I]. 3ªed. Buenos Aires: letra viva.
3. Eidelsztein, A. (2016). Ciencia y psicoanálisis. Conferência realizada na Sociedad Psicoanalítica Apertura, Psicoanálisis Por Venir. Buenos Aires. <https://www.youtube.com/watch?v=HAZ1G0Xm3TU>
4. Eidelsztein, A. (2017). Cómo trabaja un psicoanalista?: https://www.eidelszteinalfredo.com.ar/como-trabaja-un-psicoanalista-seminario-internacional-dictado-en-chile-el-2-de-septiembre-de-2017/?fbclid=IwAR0jsL9TgpHtQ4qSyyFk_2h_OqHDBdH75mr21fJsw2NsJJUDLJWPprLBsWQ
5. Eidelsztein, A. (2018). El origen del sujeto en psicoanálisis: Del big bang del language y el discurso en la clínica psicoanalítica. 1ª ed- Buenos Aires: letra viva.
6. Koyré, A. Del mundo cerrado al universo infinito. Siglo XXI editores, 1979.
7. Krymkiewicz, M. (2009). *El descubrimiento del cogito y la alteración de la estructura del saber y el amor em Occidente*. Clase n.3 del Curso de Posgrado - UBA "El psicoanálisis por venir" a cargo del Prof. Dr. Alfredo Eidelsztein. Disponible em <http://sujetodelaciencia.blogspot.com/2011/05/el-descubrimiento-del-cogito-y-la.html>.
8. Krymkiewicz, M. (2013). *La obra clara de Milner. ¿Qué es ciência para los postlacanianos?* Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=71Pu7Cwm3NA>.
9. Krymkiewicz, M. (2013). Ciencia, história y psicoanálisis. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=II5RpCFL93M>.
10. Krymkiewicz, M. (2018). *La ciencia y el sujeto de la ciencia*. Classe 6 do primeiro curso de enseñanza de Apertura. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=8jmqyR55VOE&feature=youtu.be>
11. Krymkiewicz, M. (2018). *La ciencia y el sujeto de la ciencia*. Classe 12 do primeiro curso de enseñanza de Apertura. Disponible em <https://www.youtube.com/watch?v=nkykeqOCN3E&feature=youtu.be>
12. Lacan, J. (1954-1955). Seminario, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: zahar, 2010.

13. Lacan, J. (1955-1956). Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: zahar, 1985.
14. Lacan, J. (1964). Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: zahar, 1988.
15. Lacan, J. (1965-1966). Seminário, livro 13: l'objet de la psychanalyse. Inédito. Recuperado de www.staferla.free.fr.
16. Lacan, J. (1966). “O discurso em Baltimore”. Disponível em espanhol em <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>.
17. Lacan, J. (1968-1969). Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
18. Lacan, J. (1969-1970). Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: zahar, 1992.
19. Lacan, J. (1971). Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: zahar, 2009.
20. Lacan, J. (1971-1972). Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne. Rio de Janeiro: zahar, 2011.
21. Lacan, J. (1971-1972). O Saber do Psicanalista. Publicação do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
22. Lacan, J. (1972-1973). Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: zahar, 1985.
23. Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: zahar, 1998.
24. Lacan, J. (1973-1974). Seminário, livro 21: os não-tolos vagueiam. Bahia: Publicação não comercial – Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius Salvador, 2016.
25. Lacan, J. (1975). “O sintoma”. Conferência na Universidade de Columbia. Auditório da Escola de Assuntos Internacionais. Lacan in North America. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. Disponível em: <http://www.editorafi.org>
26. Lacan, J. (1975-1976). Seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: zahar, 2007.

ROSANA VELLOSO

Psicóloga, Especialista em Psicologia Hospitalar. Psicanalista, Membro de APOLa – Sociedade Psicanalítica Internacional. Membro do Grupo de Pesquisa ‘Literatura, Cinema e Gramática Política’ vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC) e cadastrado junto ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Exerce sua prática clínica no Serviço Público de Saúde e em Consultório Privado em Salvador-Bahia, Brasil.

Correio-eletrônico: rosanavl2004@yahoo.com.br.